



2004/08/10

A NATO E A CIMEIRA DE ISTAMBUL

Alexandre Reis Rodrigues

Não havia grandes expectativas à volta da Cimeira da NATO, realizada em Istambul a 28 e 29 de Junho, com a presença dos 26 países membros, representados pelos respectivos chefes de estado e de governo, incluindo os dos sete novos membros que pela primeira vez participaram nesse evento. Em termos de novos compromissos, esperava-se que, perante os repetidos apelos do secretário-geral a lembrar a necessidade de a NATO não falhar a sua primeira missão fora de área, no Afeganistão, iria ser dada uma resposta positiva ao pedido de um substancial reforço de efectivos. Em relação ao Iraque não se esperava mais do que a disponibilidade para treinar as suas forças, muito embora outras possibilidades tivessem anteriormente sido postas em cima da mesa.

A Cimeira, como é habitual, cobriu um leque alargado de outros assuntos, a que se referem extensivamente os 46 pontos do comunicado final. Destaco, para além dos dois acima referidos, os que me parecem mais importantes: dar por terminado, no fim deste ano, o envolvimento da NATO na Bósnia Herzegovina, tarefa que passará para a responsabilidade da EU, de acordo com novo mandato do CSNU; a manutenção da presença no Kosovo; a continuação da Operação Active Endeavour no Mediterrâneo que passará a acolher a participação da Rússia e da Ucrânia, e eventualmente dos países do Diálogo do Mediterrâneo; o reforço das medidas de combate ao terrorismo e de negação de acesso a armas de destruição maciça; o apoio à Proliferation Security Initiative dos EUA visando interceptar trocas comerciais relacionadas com armas de destruição maciça; finalmente, continuar o processo de alargamento da NATO, no qual se alinham já a Albânia, a Croácia e a República da Macedónia.

O Afeganistão e o Iraque eram, no entanto, as duas questões centrais da cimeira. Infelizmente, os desfechos que tiveram não são um bom contributo para ajudar a NATO a manter a relevância que teve no passado. Falta de adequada capacidade de resposta militar dos europeus foi uma das dificuldades mas não a única nem a mais decisiva; razões de natureza política tiveram uma importante quota-parte de responsabilidade, como veremos seguidamente.

Depois de ter demonstrado que poderia continuar a ser a mais relevante organização político-militar no novo contexto de segurança pós Guerra-Fria, adaptando-se rapidamente às novas circunstâncias, a NATO vive presentemente uma nova fase de dificuldades. Mas enquanto, no passado, essas dificuldades tinham raízes essencialmente externas, centradas nas alterações ocorridas no ambiente de segurança, para as quais era necessário a Aliança adaptar-se – o que foi conseguido – hoje a natureza dos problemas que enfrenta são essencialmente de natureza interna e, em grande parte, com uma forte componente política a afectar o diálogo transatlântico, o que é bastante mais difícil de resolver.

O que está hoje sobretudo em causa é uma óbvia insuficiência de identidade de pontos de vista entre os EUA e parte dos seus parceiros europeus sobre a forma de implementar uma nova ordem mundial. Não obstante a sintonia de percepção sobre as principais ameaças, aliás bem patente nos dois principais documentos estratégicos sobre segurança dos EUA e da EU, há um óbvio desacordo sobre a forma como enfrentar essas ameaças. Admite-se que isso seja fruto, pelo menos em parte, de diferenças substanciais em como cada lado se sente vulnerável perante essas ameaças o que leva os EUA, mais sensíveis à possibilidade da repetição do 11 de Setembro, a privilegiarem uma cultura de força enquanto os europeus, sentindo-se menos pressionados por essas ameaças, insistem na cultura da legitimidade e de recurso às organizações internacionais; aliás, a falta de uma credível capacidade de intervenção no exterior, não deixam outras opções.

Variam muito também as concepções de emprego da NATO em situações de crise e de conflito, com os EUA a não desistirem da preferência por coligações de ocasião em detrimento da coligação permanente que é a NATO. Obviamente, por detrás de tudo, estão também opções políticas da actual administração americana que não atribuem à NATO nem às organizações internacionais em geral o papel proeminente que os europeus desejam que tenham e nas quais depositam as suas esperanças para fazer ouvir a sua voz. Resta saber se a situação se alterará suficientemente com uma nova administração americana.

Esta situação não transparece, como é natural, do comunicado final da Cimeira de Istambul, a 28 e 29 de Junho. Também não transparece das declarações das autoridades americanas, nomeadamente as de Rumsfeld que, no final da Cimeira, afirmava “não conhecer qualquer outro momento da história da Aliança com tantos sucessos”. Neste último caso, o exagero é óbvio e

despropositado; reflecte, no entanto, a preocupação americana em contrariar a percepção de marginalização a que algumas das suas práticas mais recentes condenaram a Aliança e o esforço que agora tentam fazer para demonstrar que a NATO continua tão importante como nunca.

Para os americanos a preservação da NATO representa pelo menos três inestimáveis vantagens: possibilidade de estarem por dentro do desenvolvimento do novo quadro estratégico europeu, designadamente no que se refere à política de segurança e defesa da EU, e de certo modo tentar influencia-lo sob o argumento da necessidade de coordenação, de evitar duplicações e de assegurar complementaridade; a hipótese de através da NATO conseguirem uma forma de repartição do trabalho estratégico, como aliás está já hoje a acontecer, por exemplo no Afeganistão; e, finalmente, o contributo que a NATO pode dar para a futura constituição de coligações em que os aliados estarão, à partida, sempre bem colocados para poderem constituírem como que o núcleo duro dessas coligações.

Para os europeus, porém, as percepções sobre a necessidade e utilidade da NATO são já hoje matéria de divisão. É certo que permanece o grupo dos fiéis atlanticistas, liderados pelo Reino Unido, e ao qual os novos membros vieram dar novo alento e força, mas, tendo desaparecido a ameaça soviética, deixou de ser óbvia a actual necessidade da Aliança para os outros. Estes liderados pela França, até talvez já não vejam qualquer sério inconveniente em que a NATO acabe; algumas correntes de opinião até não excluíam ver nisso uma vantagem pois acham que a NATO está a ser um obstáculo à criação de uma política de segurança e defesa europeia, esta sim indispensável e a requerer prioridade de atenção. São estes que também alegam que os EUA, apesar de quererem a NATO, preferem as relações bilaterais e não hesitam em tirar partido das divisões europeias; os que sentem que os EUA querem a NATO apenas para dar cobertura à sua política intervencionista.

Não é possível nem sequer vale a pena esconder que estão significativamente alteradas as relações que existiam entre parceiros durante a Guerra-Fria e não parece ser a ameaça comum do terrorismo internacional e da proliferação do armamento de destruição maciça que permitirão repor a situação anterior. Muitos, talvez a maioria, argumentarão que a culpa da actual situação reside na política externa de Bush e por isso esperam ansiosamente que John Kerry, o candidato democrata, venha a vencer as próximas eleições presidenciais; assentam as suas esperanças nas promessas que este tem feito de que as relações transatlânticas serão restauradas a contento de ambas as partes e que todos os erros cometidos por Bush serão corrigidos. Estão, no entanto, a esquecer-se que Kerry prometeu diminuir os efectivos americanos no Iraque e que tenciona conseguir isso chamando às suas responsabilidades os aliados europeus; é, aliás, para isso que quer restaurar o relacionamento transatlântico.

É um pouco “wishfull thinking” pensar que o problema existente é passageiro e que apenas foi criado pelos erros cometidos por Bush, numa altura em que os seus amigos neoconservadores o convenceram de que poderiam concluir com sucesso a crise iraquiana sem ter que recorrer à NATO e às Nações Unidas. Kerry, se ganhar as eleições, vai com certeza tentar imprimir uma nova dinâmica às relações transatlânticas mas o seu sucesso dependerá essencialmente da forma como os europeus responderem aos seus pedidos de colaboração; se a resposta não for positiva a “lua-de-mel” acabará cedo e, em breve, o presidente estará a dizer ao povo americano que tem que lhe continuar a pedir sacrifícios porque os europeus se recusam a assumir as suas responsabilidades.

Para os pessimistas, os EUA e a Europa estão em caminhos que pelo menos já não são convergentes e começam a disputar áreas de influência; por isso não será possível restaurar o relacionamento anterior e o divórcio é apenas uma questão de tempo. Para os optimistas, por exemplo Michael Rhule, não existem desacordos filosóficos, apenas diferentes velocidades de adaptação às novas realidades; os EUA estão apenas preocupados com as ilações a tirar dos atentados sofridos a 11 de Setembro e os europeus ainda estão a tentarem ajustar-se ao fim da Guerra-Fria; por isso o diálogo é difícil mas não necessariamente prenúncio de um divórcio para breve.

O que se tem passado em relação ao Iraque e Afeganistão são apenas consequências desta complexa situação e não, como alguns têm dito, a origem dos actuais problemas da NATO. No caso do Iraque, as condições em que se verificou a invasão têm sido apontadas como a razão para a recusa de alguns dos aliados em darem a colaboração que lhes tem sido pedida. Só que no Afeganistão a situação não é melhor e neste caso não existe nenhuma dessas razões. O assunto é da maior importância não só porque está em causa a credibilidade da NATO na sua primeira operação fora de área como também fica em causa o processo de estabilização do país e em especial a realização das eleições previstas para 9 de Outubro. Quando se esperava um substancial reforço do contingente de cerca de 6.500 presentemente tem no terreno, acabou por se conseguir

apenas o acordo em aumentá-lo para os 10.000 efectivos, o que a generalidade dos observadores considera insuficiente para garantir a realização das eleições em condições de segurança e, antes disso, completar o processo de recenseamento dos cerca de 10 milhões de eleitores. Porém, na prática, nem esse modesto compromisso vai ser devidamente honrado; os contributos resumir-se-ão, no essencial, a dois batalhões, um espanhol e outro italiano, perfazendo ambos cerca de 2.000; os restantes 1.500 efectivos em falta, manter-se-ão estacionados fora do país naquilo a que alguns já chamaram um dispositivo “over the horizon”, que permite à NATO manter a face perante o compromisso assumido mas que não serve adequadamente as necessidades de segurança do país.

No final, são os europeus que estão a pôr em causa a NATO, não se esforçando por honrar os compromissos assumidos voluntariamente, ao mais alto nível, na Cimeira de Istambul. E aqui não é por falta de capacidades militares. Embora a situação no Afeganistão seja difícil não se pretende executar qualquer tipo de complexa operação militar exigindo os mais evoluídos e sofisticados recursos militares. Trata-se apenas de uma tarefa de segurança para o que são sobretudo necessários efectivos em número confortável. E é isso o que menos falta na Europa.

O que é curioso, neste caso pela má razão de falta de coerência, é que sempre que se trata de decidir atribuição de meios para a NATO Response Force nunca faltaram os necessários contributos. Só faltava que isso se ficasse a dever a uma eventual convicção dos europeus de que essa força nunca chegará a ser utilizada.

83 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/05/23

AS DECLARAÇÕES FINAIS DA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/14

“SMART DEFENCE” NA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/05

A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/04/07

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA, DEPOIS DE LISBOA

Alexandre Reis Rodrigues

2012/03/24

A CIMEIRA DE CHICAGO: RUMO AO FUTURO

Pedro Santos Jorge[1]

2011/10/14

A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/07/22

DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES? (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/05/24

A EXPANSÃO DA OTAN NA ÁSIA E SUAS IMPLICAÇÕES (RÚSSIA, CHINA E ÍNDIA)

Arthur Sá Anunciação[1]

2011/04/25

ESTRATÉGIA DA NATO E SEGURANÇA MARÍTIMA[1]

Nuno Sardinha Monteiro[2]

2011/04/16

A INTERVENÇÃO DA NATO NA LÍBIA. FICÇÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/17

A EVOLUÇÃO DA POSTURA ESTRATÉGICA DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/12/09

O CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO À ESPERA DA REUNIÃO DE MINISTROS DA DEFESA EM JUNHO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/11/26

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (II PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/25

O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (I PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2010/11/16

A NATO E PORTUGAL. ALINHAMENTOS PARA UM NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA ALIANÇA

Luís Brás Bernardino[1]

2010/11/07

As “NOVAS MISSÕES” DA NATO[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/18

RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/09

A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/24

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO. DUAS QUESTÕES POLÉMICAS[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2010/09/21

OTAN 2020 – REFORÇO DA DEFESA COLECTIVA E AFIRMAÇÃO DA SEGURANÇA COOPERATIVA – O MODELO POSSÍVEL, NECESSÁRIO OU DE TRANSIÇÃO?

Rui Ribeiro Vieira[1]

2010/09/17

PORTUGAL, A NATO, O ATLÂNTICO SUL E O BRASIL

João Brandão Ferreira

2010/08/19

A DEFESA ANTI-MÍSSIL. PRIORIDADE PARA A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/08/11

O QUE SERÁ VENCER NO AFGANISTÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/05/18

O RELATÓRIO ALBRIGHT

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/22

AS ARMAS NUCLEARES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/03/15

AS RELAÇÕES NATO/UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/11/14

COMPROMISSOS BRASILEIROS COM A GLOBALIZAÇÃO: AS OPERAÇÕES DE PAZ?

Oliveiros S. Ferreira (Brasil)

2009/09/17

INTERNATIONAL SECURITY AND NATO[1]

Inês de Carvalho Narciso

2009/09/14

A «AFEGANIZAÇÃO» DA ESTRATÉGIA DA ISAF

Alexandre Reis Rodrigues

2009/09/01

AS ARMAS NUCLEARES E A REVISÃO DO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/07/28

O NOVO CONCEITO ESTRATÉGICO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/14

OS GRANDES DESAFIOS DA NATO[1]

Victor Marques dos Santos[2]

2009/05/13

A NATO[2]

Francisco Proença Garcia[1]

2009/04/07

A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFGANISTÃO E A UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/02/01

QUO VADIS NATO? – OS GRANDES REPTOS PARA A ALIANÇA

Luís Falcão [1]

2008/10/24

RÚSSIA - A DOCTRINA MEDVEDEV

Alexandre Reis Rodrigues

2008/10/01

A NATO, A UCRÂNIA E A ESQUADRA RUSSA DO MAR NEGRO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/09/06

A TURQUIA E O CONFLITO NA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/27

ATÉ ONDE IRÁ A RÚSSIA, DEPOIS DA GEÓRGIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/20

A GEÓRGIA E O RELACIONAMENTO DO OCIDENTE COM A RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/08/14

OS ACONTECIMENTOS NO CÁUCASO E OS JOGOS OLÍMPICOS

Luís Falcão

2008/08/11

GEÓRGIA: MAIS LONGE DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/26

OS SISTEMAS LOGÍSTICOS NAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Pereira de Melo[1]

2008/03/07

QUE ESTRATÉGIA SEGUIRÁ A RÚSSIA NA INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/01

QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCARESTE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/28

PORQUE ESTÁ EM CAUSA O TRATADO CFE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/27

RÚSSIA SUSPENDE PARTICIPAÇÃO NO TRATADO DE FORÇAS CONVENCIONAIS DA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/12/21

KOSOVO. MAIS UM COMPASSO DE ESPERA!

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/12

A MELHOR FORMA DE COMEMORAR OS 60 ANOS DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/21

DARFUR: O SILÊNCIO E A ESPERANÇA DA ÚLTIMA FRONTEIRA

Francisco José Leandro

2007/10/11

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/04

A RÚSSIA PÓS PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/17

AFEGANISTÃO FORA DE CONTROLE

Marcelo Rech[1]

2007/08/03

RÚSSIA DECLARA MORATÓRIA AO TRATADO DE REDUÇÃO DAS FORÇAS CONVENCIONAIS NA EUROPA

Marcelo Rech[1]

2007/07/29

A VERTENTE DE MANUTENÇÃO DA PAZ DA NATO: UMA DUPLICAÇÃO DO PAPEL DAS NAÇÕES UNIDAS?

Nélia Rosário Ribeiro

2007/06/25

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/19

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]

Alexandre reis Rodrigues

2007/04/19

THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]

Robert Hunter[2]

2007/04/01

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/27

A GEÓRGIA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/26

A CAMINHO DE RIGA, PELO AFGANISTÃO[2]

Miguel Moreira Freire[1]

2006/09/11

O IMPASSE AFGÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/30

LA OTAN Y LA TRANSFORMACION[1]

Miguel Fernández y Fernández (Alm. da Marinha de Espanha)

2006/07/20

AFGANISTÃO. A HISTÓRIA VAI REPETIR-SE?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/07/18

O FUTURO DA NATO

António Borges de Carvalho

2006/07/17

A CIMEIRA DA NATO EM RIGA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/01/22

EXISTEM FORÇAS PARA AS MISSÕES?

João Nuno Barbosa

2005/12/18

É TEMPO DE MUDAR! DIZ AZNAR.

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/29

NATO OU PESD? OU AMBAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/11/01

UCRÂNIA. A CAMINHO DA NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2005/10/06

O QUE FARIAM OS EUROPEUS SEM A NATO?

Alexandre Reis Rodrigues

2004/12/13

A NOVA OTAN?

Maria João Militão Ferreira

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/04/08

O ALARGAMENTO DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/16

A NATO E O MÉDIO ORIENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2004/01/07

A TRANSFORMATION EN LA OTAN

Almirante SPN Miguel A. Fernández y Fernández (SACLANTREPEUR)

2003/12/03

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (V)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/11/11

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (IV)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/27

AS CRISES DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/20

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (III)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/09

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/08

A FORÇA DE RESPOSTA DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues